



A propensão e a disposição para investimento na B3. um estudo de caso.

The propensity and willingness to invest in B3. a case study.

Daniel de Melo Paulo¹

Graduando em Administração pela UniEVANGÉLICA - GO

Márcio Dourado Roca²

Orientador (a) do Trabalho de Conclusão de Curso – GO

¹Daniel de Melo Paulo – Bacharelado no curso de Administração pela Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA) – Brasil – E-mail: danielmelop@gmail.com

²Márcio Dourado Rocha – Professor do curso de Administração da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA) – Brasil – E-mail: márcio.rocha@unievangelica.edu



RESUMO

Investir na Bolsa de Valores (B3) pode parecer assustador para muitos brasileiros. Apesar das oportunidades de retorno e proteção contra a inflação que o mercado de ações oferece, apenas uma pequena parcela da população se aventura nesse universo. Este estudo busca entender por que isso acontece. Investigou-se como a falta de educação financeira, o medo dos riscos e a cultura de gastar no presente impactam as decisões de investimento. Os dados revelam que a desinformação e o receio de perder dinheiro são barreiras significativas. Nosso objetivo é mostrar que, com mais conhecimento e ferramentas adequadas, investir pode se tornar uma escolha mais acessível e segura, abrindo caminhos para um futuro financeiro mais estável.

Palavras-chave: Educação Financeira; Risco; Bolsa de Valores; Cultura de Consumo; Investimentos.

ABSTRACT

Investing in the São Paulo Stock Exchange (B3) may seem intimidating to many Brazilians. Despite the opportunities for high returns and protection against inflation that the stock market offers, only a small portion of the population ventures into this world. This study seeks to understand why. We investigate how the lack of financial education, fear of risks, and a culture focused on present spending influence investment decisions. The data reveal that misinformation and fear of losing money are significant barriers. Our goal is to show that, with better knowledge and tools, investing can become a more accessible and safer choice, paving the way for a more stable financial future.

Key words: Financial Education; Risk; Stock Market; Consumer Culture; Investments.



1. INTRODUÇÃO

A Bolsa de Valores de São Paulo (B3), criada em 1890, é um dos principais meios de negociação de valores mobiliários no Brasil, onde investidores se encontram para negociar a compra e venda de produtos financeiros, ações e empresas de múltiplos segmentos. Apesar do potencial de retorno elevado, participação nos lucros das empresas e proteção contra a inflação que a B3 oferece, apenas cerca de 3% da população brasileira investe no mercado de ações. Este baixo índice de participação pode ser atribuído a diversos fatores, entre eles os riscos associados ao mercado de ações, a falta de educação financeira da população brasileira e a disseminação da cultura do consumo imediato.

A falta de educação financeira no Brasil é um problema significativo, evidenciado por rankings internacionais que posicionam o país em posições desfavoráveis. A educação financeira limitada contribui para a percepção de que o mercado de ações é arriscado e inacessível, afastando potenciais investidores. Além disso, a cultura de consumo imediato, que prioriza gastos a curto prazo em detrimento do planejamento financeiro de longo prazo, também dificulta o crescimento da base de investidores na B3.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo investigar os principais fatores socioeconômicos que influenciam a decisão dos brasileiros de não investir na B3. A pesquisa busca analisar a relação entre o nível de educação financeira, a percepção de risco e a cultura de consumo imediato com a propensão a investir na bolsa de valores. A compreensão dessas barreiras é essencial para a proposição de soluções que possam incentivar uma maior participação no mercado de ações brasileiro, contribuindo para o fortalecimento do mercado financeiro e para o desenvolvimento econômico do país.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Histórico da Bolsa de Valores

A literatura descrevia que as primeiras bolsas de valores modernas surgiram com o início do comércio, em meados do século XV. No entanto, foi em Bruges, na Bélgica, que, em 1487, o termo "bolsa" alcançou seu sentido comercial e financeiro. Posteriormente, em 1561, surgiram as bolsas de Antuérpia e Amsterdam e, em 1595, as de Lyon, Bordéus e Marselha. Ao longo do tempo, todos os centros comerciais e industriais criaram suas bolsas (Gomes, 1997).

A partir do século XIX, o crescimento dos empreendimentos comerciais possibilitou o comércio de ações. Esse fato aumentou o número de transações realizadas pelas bolsas, sendo



decisivo para determinar sua especialização: enquanto algumas preservaram a função de bolsas de mercadorias, outras voltaram-se para o comércio de valores mobiliários (Gomes, 1997).

Atualmente, destacavam-se as bolsas de Nova York, Londres, Paris e Tóquio, sendo que a primeira exercia supremacia sobre todas as outras, em razão do elevado número de capitalizações que realizava (Gomes, 1997).

No cenário brasileiro, no período colonial, as transações comerciais eram regidas pela legislação portuguesa, que garantia ao comerciante o poder de ir às praças para realizá-las. Em 1850, o Código Comercial Brasileiro fez referência a essas praças de comércio como locais onde os negociantes se reuniam. Essas praças foram as antecessoras das atuais bolsas de valores no Brasil, tendo seu crescimento associado ao desenvolvimento financeiro do país, que se firmou sobre dois tipos de instituições: os bancos comerciais e as bolsas de valores (Gomes, 1997).

2.2 Bolsa de Valores

A Bolsa de Valores era tradicionalmente definida como o local onde se reuniam potenciais compradores e vendedores de determinados bens para realizar operações de compra e venda, seguindo regras e procedimentos previamente estabelecidos. Segundo Santini (1979), essa reunião dos interessados promovia a necessária "concentrazione nello spazio e nel tempo" das contratações, sendo essa concentração mais eficaz à medida que aumentava o número ou a proporção de agentes daquele setor econômico que ali operavam (Yazbek, 2006). Além disso, a Bolsa de Valores oferecia diversas vantagens, como a organização de uma rede ampla de relacionamentos e os possíveis benefícios oriundos de descobertas de tecnologias disruptivas em setores correlatos, graças ao conceito de transbordamento de tecnologias entre indústrias (Rieche; Faria, 2014). Conforme Lerner (2013), a Bolsa ainda permitia às empresas maior agilidade, flexibilidade e foco, capacitando-as a responder de maneira eficaz às mudanças tecnológicas (Rieche; Faria, 2014).

2.3 A influência da carência de Educação Financeira na propensão ao investimento na B3.

Educação financeira, segundo Hung, Parker e Yoong (2009), era o processo por meio do qual os indivíduos melhoravam sua compreensão relacionada a produtos, serviços e conceitos financeiros, auxiliando em escolhas mais informadas e evitando armadilhas, o que proporcionava, a longo prazo, bem-estar financeiro (Hung, A. A., Parker, A. M., & Yoong, J. (2009). Defining and measuring financial literacy [Working Paper N° 708]. Social Science Research Network, Santa Monica, CA: RAND Corporation).



Nesse contexto, a educação financeira torna-se importante tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, uma vez que a falta de conhecimento nessa área poderá culminar em consequências graves. Em relação às pessoas, a falta de educação financeira poderia promover desde desorganização das contas domésticas até a inclusão do nome em sistemas como SPC/SERASA (Serviço de Proteção ao Crédito). Já em relação à sociedade, a insciência sobre educação financeira poderia resultar no sobrecarregamento dos sistemas públicos, gerando, por exemplo, o aumento de impostos e contribuições a fim de, mediante programas compensatórios, equilibrar orçamentos deficientes, ou ainda o aumento da taxa básica de juros para frear o consumo e diminuir a taxa de inflação, bem como a dependência total de sistemas como SUS e INSS (Lucci, 2006).

2.4 Cultura do consumo imediato

O ato de consumir era um comportamento que envolvia a avaliação de um produto, com a consequente decisão entre comprar ou não comprar. No entanto, a sociedade atual promovia a impulsividade dos indivíduos, que começavam a fazer escolhas arriscadas, motivadas pela recompensa imediata, esquecendo-se das potenciais consequências negativas no longo prazo (Moeller et al., 2001; Martin e Potts, 2009).

Nesse sentido, surgiram teorias econômicas comportamentais que postulavam uma competição entre o prazer imediato de aquisição e a dificuldade também imediata de pagar (Prelec & Loewenstein, 1998). Nesse contexto, a compulsão pelo consumo, influenciada pela satisfação de desejos e necessidades historicamente criadas ou pelo objetivo de elevação do status social, provocava consequências devastadoras devido à incapacidade dos indivíduos em avaliar as perdas e ganhos na tomada de decisão de compra (Magalhães; Lopes; DO Amaral Moretti, 2017).

Diante disso, a fim de facilitar as vendas, os comerciantes promoviam a redução da intensidade e imediatismo da “dor de pagar” por meio de seu adiamento ou parcelamento, incentivando, assim, a cultura do consumo imediato (Warneryd, 2005).

3. METODOLOGIA

3.1 Tipologia do estudo

Este trabalho foi delineado como um estudo transversal e quantitativo, realizado na Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA).



3.2 População

Universitários da Universidade Evangélica de Goiás dos cursos de Direito noturno, Ciências Contábeis noturno, Administração noturno, Engenharia Mecânica noturno e Fisioterapia noturno. Os questionários foram aplicados entre 270 universitários.

3.3 Critérios de inclusão e exclusão da amostra

Critérios de inclusão: universitários da UniEVANGÉLICA dos cursos de Direito noturno, Ciências Contábeis noturno e Administração noturno, que aceitassem participar da pesquisa.

Critérios de exclusão: foram excluídos os indivíduos que se recusaram a participar do estudo, além dos universitários menores de idade.

3.4 Aspectos éticos, riscos e benefícios

Os possíveis riscos para os participantes consistiram em constrangimento ao responder o questionário, exposição indevida das respostas e quebra de anonimato. Com a intenção de evitar a quebra do anonimato, cada participante recebeu um link via WhatsApp, onde foram omitidos os nomes dos universitários, a fim de preservar a confidencialidade dos dados. Para evitar o risco de exposição, para o registro das respostas coletadas, foi criada uma planilha do Excel, que foi armazenada em pen drive, sendo que o dispositivo ficou em posse exclusivamente do pesquisador e do orientador responsável pela pesquisa.

Em relação aos prováveis benefícios alcançados por meio do estudo, foi possível identificar entre os alunos da Universidade Evangélica de Goiás o grau de conhecimento a respeito de investimentos e seus benefícios, assim como orientá-los sobre formas de investimento.

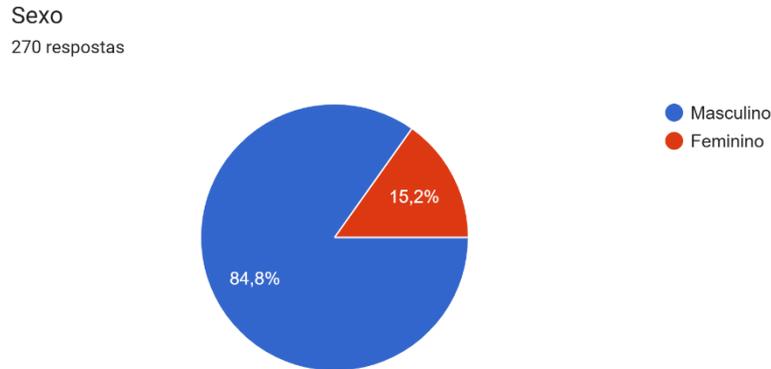
3.5 Coleta de dados

Para coleta de dados, foi criado um questionário sociodemográfico e outro questionário com o objetivo de identificar o quanto os acadêmicos da UniEvangélica sabiam sobre investimento e o quanto investiam. Tais formulários foram enviados via WhatsApp para os alunos selecionados, que os responderam por meio do Google Forms.



4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

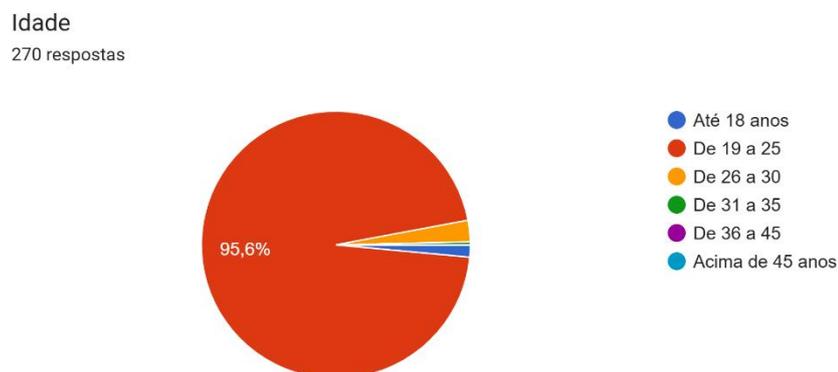
Gráfico 01 – Distribuição dos participantes da pesquisa por gênero.



Fonte: Autoria Própria, 2024.

O questionário foi respondido por uma maioria masculina (84,8%) em comparação a 15,2% de mulheres. Essa discrepância pode refletir uma participação maior de homens ou uma maior disposição para responder pesquisas relacionadas a finanças entre esse grupo. No entanto, pode ser relevante considerar se isso representa o perfil geral de interessados em investimentos ou se é um viés da amostra.

Gráfico 02 – Distribuição dos participantes da pesquisa por idade.



Fonte: Autoria Própria, 2024.

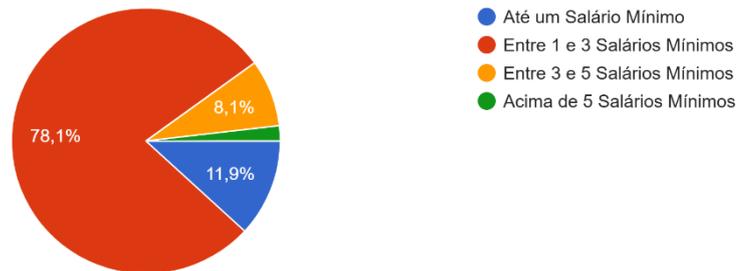
A maioria dos participantes parece estar na faixa etária entre 19 e 25 anos (95,6%), com uma participação menor de outras faixas etárias. Este dado sugere que o interesse por informações sobre investimento na B3 ou o acesso ao questionário foi mais expressivo



entre jovens adultos, o que pode estar relacionado a um perfil de busca por independência financeira ou introdução ao mercado de trabalho.

Gráfico 03 – Distribuição dos participantes da pesquisa por renda mensal.

Renda Mensal
270 respostas

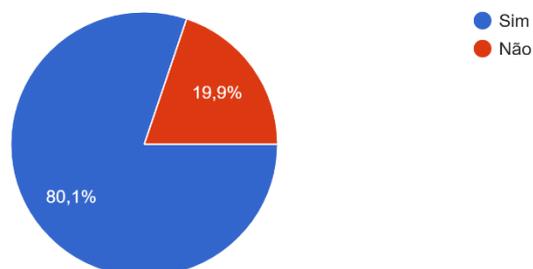


Fonte: Autoria Própria, 2024.

A maioria dos participantes (78,1%) possui renda entre 1 e 3 salários mínimos, enquanto uma parcela menor possui renda acima de 5 salários mínimos. Esse perfil de renda indica um grupo com poder aquisitivo limitado, o que pode afetar a capacidade de investir em ativos de risco, como ações na B3, e a preferência por opções de menor risco.

Gráfico 4 – Porcentagem dos participantes que conheciam a Bolsa de Valores.

Você já ouviu falar ou estudou sobre a Bolsa de Valores(B3)?
267 respostas



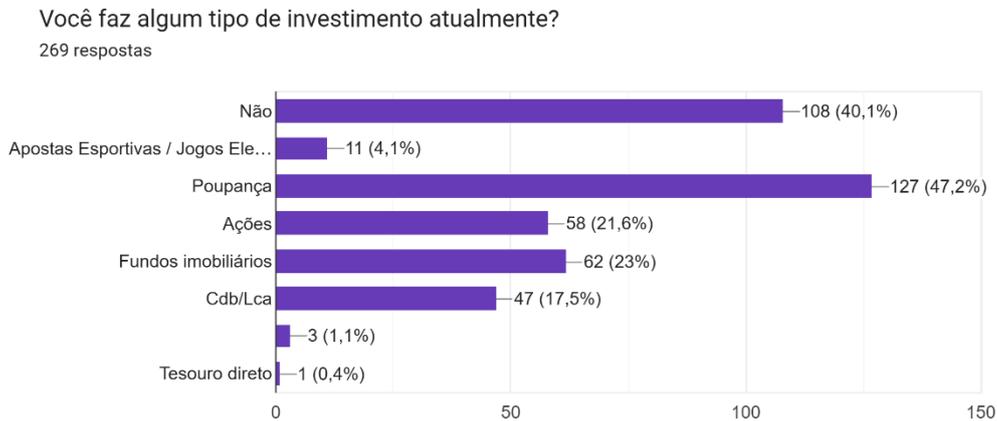
Fonte: Autoria Própria, 2024.

A maioria (80,1%) dos estudantes já ouviu falar ou estudou sobre a Bolsa de Valores. Esse dado reforça o impacto da falta de educação financeira na disposição para investir e



pode sugerir a necessidade de iniciativas educativas para aumentar a familiaridade com o mercado financeiro.

Gráfico 05 – Porcentagem dos participantes que fazem algum tipo de investimento



Fonte: Autoria Própria, 2024.

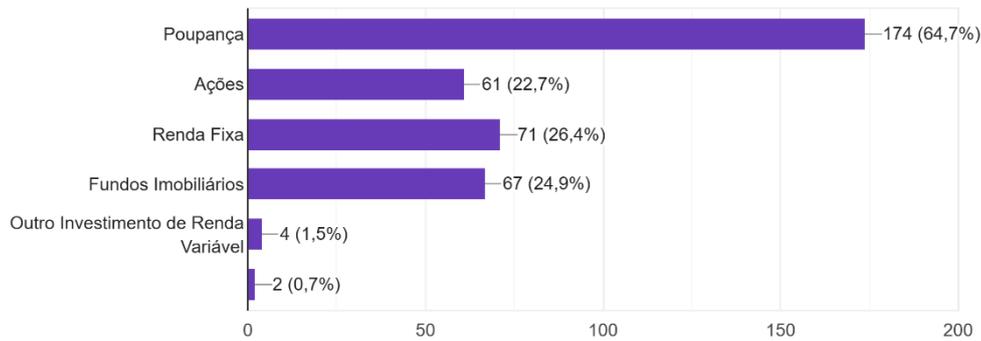
Quando questionados sobre o tipo de investimento que usariam para aposentadoria, a maioria escolheu a poupança (47,2%), com uma minoria optando por ações (21,6%) ou fundos imobiliários (23,0%). Esse comportamento pode ser interpretado como uma aversão ao risco ou uma falta de conhecimento sobre alternativas de maior rentabilidade, como investimentos em ações.



Gráfico 06 – Distribuição dos possíveis investimentos dos participantes do estudo para aposentadoria.

No seu nível de entendimento, caso você tivesse oportunidade, qual dos investimentos abaixo vc usaria para colocar o dinheiro se sua aposentadoria:

269 respostas



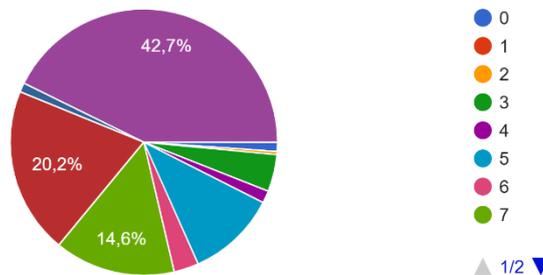
Fonte: Aatoria Própria, 2024.

Quando questionados sobre o tipo de investimento que usariam para aposentadoria, a maioria dos estudantes escolheu a poupança (64,7%), com uma minoria optando por ações (22,7%) ou renda fixa (26,4%). Esse comportamento pode ser interpretado como uma aversão ao risco ou uma falta de conhecimento sobre alternativas de maior rentabilidade, como investimentos em ações.

Gráfico 07 – Nível da percepção de risco dos participantes do estudo ao investir na B3.

Em uma escala de 0 a 10, onde 0 significa "sem riscos" e 10 significa "risco máximo", qual é o seu nível de percepção de risco ao investir na bolsa de valores?

267 respostas



Fonte: Aatoria Própria, 2024.



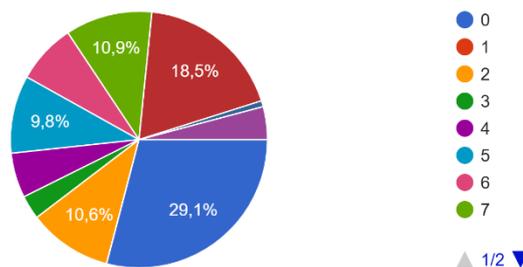
A percepção de risco na bolsa de valores é, para muitos, assustadoramente alta. A maioria dos respondentes enxergam que investir em ações é uma escolha arriscada, com muitos classificando o risco em níveis de 7 para cima. Um número considerável também percebe o risco como elevado, em torno de 5 a 6, o que reforça a ideia de que a bolsa de valores é um ambiente de muita incerteza e com potencial para perdas significativas.

Esse medo de perder dinheiro parece estar enraizado na falta de conhecimento sobre maneiras de reduzir riscos, como a diversificação do portfólio ou o investimento em diferentes tipos de ativos dentro do mercado. Esses dados mostram que há espaço e necessidade para uma educação financeira mais acessível, que ensine as pessoas a entender melhor os riscos e a usá-los a seu favor.

Ao aprender sobre como o mercado se comporta ao longo do tempo, as fases de crescimento e queda e as ferramentas para proteger seus investimentos, as pessoas podem começar a ver a bolsa não apenas como uma aposta arriscada, mas como uma oportunidade de construir algo sólido para o futuro.

Gráfico 08 – Nível da percepção de retorno dos participantes do estudo ao investir na B3.

Em uma escala de 0 a 10, onde 0 significa "mínimo retorno" e 10 significa "máximo retorno", qual é a sua percepção sobre a rentabilidade de investir na bolsa de valores?
265 respostas



Fonte: Autoria Própria, 2024.

A maior concentração de respostas se encontra nos níveis intermediários de retorno, com (29,1%) dos respondentes atribuindo uma pontuação de 5. Isso sugere que muitos consideram o investimento em ações como uma oportunidade de retorno moderado, sem expectativas extremas.



Valores ligeiramente mais altos, como as pontuações 6 e 7, também são significativos, com uma boa parte dos respondentes avaliando o retorno entre médio e alto. Essa distribuição reflete uma percepção de que o mercado de ações pode gerar ganhos, mas dentro de limites moderados.

Essa percepção moderada de retorno, quando comparada à alta percepção de risco observada em outro gráfico, revela um comportamento cauteloso entre os respondentes. Eles parecem reconhecer que o investimento em ações pode ser rentável, mas as expectativas são contidas, o que pode ser reflexo de incertezas sobre o funcionamento do mercado de ações ou de experiências indiretas com volatilidade.

Essa percepção moderada da rentabilidade, em conjunto com a alta percepção de risco mencionada anteriormente, pode ser um indicativo de que os respondentes estão cientes de potenciais retornos, mas que os riscos ainda pesam mais em suas decisões. Essa combinação pode inibir a participação no mercado de ações, pois, apesar do reconhecimento do possível retorno, o medo das perdas continua a ser uma barreira.



5. CONCLUSÃO

A pesquisa revelou aspectos importantes que ajudam a entender por que tantos brasileiros ainda hesitam em investir na Bolsa de Valores (B3). Entre os fatores mais influentes estão a falta de educação financeira, o medo dos riscos envolvidos e uma cultura que prioriza o consumo imediato em vez do planejamento para o futuro. Apesar de um conhecimento básico sobre a Bolsa ser relativamente comum, a percepção de que investir é algo muito arriscado acaba desestimulando muitos a darem o primeiro passo.

Os resultados reforçam que a educação financeira é essencial para quebrar barreiras e mudar essa mentalidade. Ao ensinar as pessoas a entenderem melhor os riscos e as oportunidades, é possível mostrar que investir pode ser seguro e acessível. Práticas como diversificar os investimentos e planejar a longo prazo podem fazer toda a diferença para reduzir o receio de perdas financeiras.

Dessa forma, investir em iniciativas de educação financeira e em uma comunicação mais clara sobre como funciona o mercado de ações é um caminho promissor. Essas ações não só ajudariam os brasileiros a se sentirem mais confiantes para investir, como também fortaleceriam o mercado financeiro, gerando impactos positivos tanto para as pessoas quanto para a economia do país.

Diante do cenário apresentado, destaca-se a necessidade de ampliar esforços no desenvolvimento de políticas públicas e programas educacionais voltados para a alfabetização financeira. Isso inclui desde a inclusão de temas relacionados à gestão de finanças pessoais nos currículos escolares até a promoção de campanhas que desmistifiquem o funcionamento do mercado de ações. Essas ações podem contribuir significativamente para uma mudança cultural, incentivando a população a adotar uma visão mais estratégica e de longo prazo sobre suas finanças, reduzindo a aversão ao risco e incentivando o uso de ferramentas modernas de investimento.

Além disso, instituições financeiras e a própria B3 poderiam investir em plataformas digitais interativas e acessíveis, que simplifiquem o aprendizado sobre investimentos e proporcionem simulações práticas para iniciantes. Ao integrar estratégias educacionais com tecnologias modernas, é possível aproximar o mercado de ações do público geral, quebrando barreiras relacionadas ao medo e à falta de conhecimento. Tais iniciativas não apenas aumentariam a participação popular no mercado financeiro, mas também fortaleceriam a economia do país, criando um ciclo positivo de crescimento e inclusão econômica.



6. REFERÊNCIAS

GOMES, Fátima Rocha. A Bolsa de Valores brasileira como fonte de informações financeiras. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 2, n. 2, 1997.

HUNG, Angela; PARKER, Andrew M.; YOONG, Joanne. Defining and measuring financial literacy. 2009.

LUCCI, Cintia Retz et al. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. **Seminário em Administração**, v. 9, 2006.

MAGALHÃES, Maria dos Remédios Antunes; LOPES, Evandro Luiz; DO AMARAL MORETTI, Sérgio Luiz. O Desejo Incontrolável de Comprar: Uma Revisão Crítica da Vulnerabilidade no Consumo. **Revista interdisciplinar de Marketing**, v. 7, n. 1, p. 42-56, 2017.

RIECHE, Fernando Ceschin; FARIA, Livia Ribeiro Borges de. O corporate venturing como alternativa de apoio à inovação: motivações e benefícios. [https://web. bndes. gov. br/bib/jspui/handle/1408/1921](https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/1921), 2014.

SANTINI, L. R. (1979). **Mercados Futuros e de Opções**. São Paulo: Atlas.

WARNERYD, K.-E. (2005). **The Psychology of Saving: A Study on Economic Psychology**. Edward Elgar Publishing.

YAZBEK, Otavio. A regulamentação das bolsas de valores e das bolsas de mercadorias e futuros e as novas atribuições da comissão de valores mobiliários. **Revista de Direito Bancário e do Mercado de Capitais**, v. 34, p. 687-709, 2006.